

A Mãe

AS VIRTUDES



traduzido e ilustrado
por
SiTeS

*extraído do livro **Paroles d'Autrefois** ,
publicado pelo Sri Aurobindo Ashram Trust, 1983*

AS VIRTUDES

(Um conto para os pequenos e para os grandes)

Era uma vez um soberbo palácio que possuía em seu interior um santuário secreto, cujo limiar até então ninguém havia ultrapassado. Além disso, até mesmo suas galerias mais externas eram dificilmente acessíveis a mortais, pois o palácio situava-se numa nuvem muito alta, e em todos os tempos, foram muito poucos, na verdade, os que poderiam descobrir o caminho que levasse até ele.

Era o palácio da
Verdade.

Certo dia foi oferecida uma festa no palácio; não para os humanos mas para os seres muito diferentes deles, deuses e deusas, pequenos e grandes e que são adorados na Terra com o nome de “Virtudes”.

O vestíbulo deste palácio era um grande saguão. Suas paredes e assoalhos e teto, luminosos por si mesmos, resplandecia



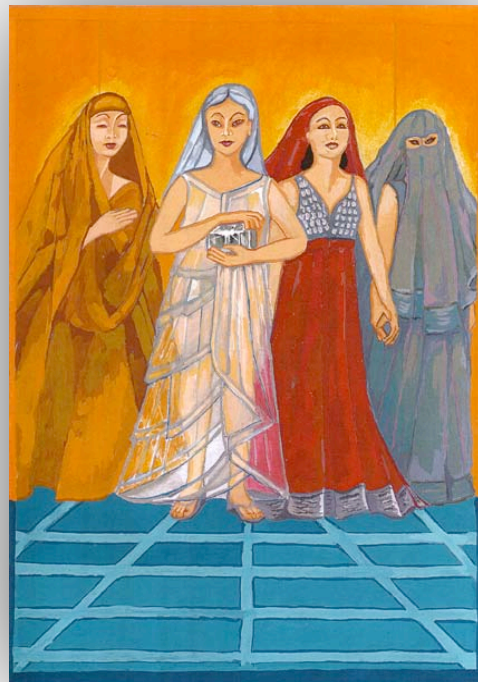
com milhares de fogos
cintilantes.
Era o Saguão da
Inteligência. Esta luz,
muito fraca perto do
chão e com uma bela cor
safira azul-escura,
tornava-se cada vez mais
brilhante em direção ao
teto no qual estavam
penduradas, semelhantes
a lustres, guirlandas de
diamantes cujas milhares
facetas lançavam raios
deslumbrantes.



As Virtudes
chegaram
separadamente, mas
logo formavam grupos
de acordo com suas simpatias, todas contentes por encontrarem-se
reunidas pelo menos uma vez, elas que estão normalmente
dispersadas por todo o mundo e os mundos, tão isoladas em meio
a tantos seres estranhos.

A Sinceridade presidia o festival. Ela vestia uma túnica
transparente, qual água límpida, e segurava na mão um cubo do
mais puro cristal através do qual as coisas podiam ser vistas como
elas eram, muito diferentes do que elas normalmente parecem ser,
pois naquele cubo suas imagens são refletidas sem deformação.

Junto à ela, como duas guardiãs fiéis, postava-se a Humildade, ao mesmo tempo respeitosa e orgulhosa, e a Coragem, com a cabeça erguida, os olhos brilhantes e a boca firme e sorridente com um ar calmo e decidido. Bem perto da Coragem, com sua mão na dela, encontrava-se uma mulher completamente velada e apenas seus olhos penetrantes eram visíveis brilhando através dos véus. Era a Prudência.



No meio de todas, indo e vindo de uma à outra e no entanto parecendo estar constantemente próxima de cada uma, estava a Caridade, ao mesmo tempo vigilante e calma, ativa mas entretanto discreta; ao passar por entre os grupos, deixava em sua



passagem um raio de luz branca e suave — esta luz que ela difunde suavizando-a, chega a ela numa radiância tão sutil que torna-se invisível para a maioria dos olhos, de sua melhor amiga, sua companheira inseparável, sua irmã gêmea, a Justiça.

E em volta da Caridade, pressionadas como um brilhante séquito, a Bondade, a Paciência, a Gentileza, a Deferência e ainda muitas outras

Todas estavam lá, pelo menos assim o pensavam.
Mas eis que inesperadamente aparece no limiar dourado
uma recém-chegada.

Foi com muito custo que os guardas, encarregados de vigiar
as portas aceitaram admiti-la. Eles nunca tinham-na visto até
então e não havia nada em sua aparência que pudesse
impressioná-los.

A moça era, sem dúvida, muito
jovem e frágil, vestida com uma
túnica branca, muito simples, quase
pobre. Ela adiantou-se uns poucos
passos com um ar tímido e
embaraçado. Então, obviamente
insegura por encontrar-se em meio a
tal companhia numerosa e brilhante,
parou, não sabendo a quem se dirigir.

Após um curto colóquio com
suas companheiras, a Prudência se
separa a pedido delas, e move-se em
direção à convidada desconhecida.

Depois de ter limpado a garganta,
como fazem normalmente as pessoas
embaraçadas a fim de refletir um
pouco, dirige-se a ela e lhe diz:

— “Nós, que estamos reunidas neste lugar, e que
conhecemo-nos umas às outras pelos nossos nomes e nossos
méritos, estamos surpresas de tua vinda, pois parece-nos ser uma
estrangeira, ou pelo menos achamos que nunca a tínhamos visto
antes. Poderias ter a bondade de dizer-nos quem és?”

A recém-chegada respondeu com um suspiro:
— “Ai de mim! Não estou perplexa por parecer uma
estrangeira aqui neste palácio: dificilmente sou convidada a
algum lugar.
Meu nome é Gratidão.”

